



**Centro Universitário de Brasília - UniCEUB**  
**Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS**  
**Curso de Bacharelado em Relações Internacionais**

**YOHANNA CHRISTINA COELHO DUARTE RIBAS**

**GUERRA AO TERROR: Um processo de (des)construção da narrativa do  
Pós-11 de setembro (períodos de 2001 até 2009)**

**Brasília**  
**2022**

**YOHANNA CHRISTINA COELHO DUARTE RIBAS**

**GUERRA AO TERROR: Um processo de (des)construção da narrativa do Pós-11 de setembro (períodos de 2001 até 2009)**

Artigo científico apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

Orientadora: Fernanda Luiza Silva de Medeiros

**Brasília  
2022**

**YOHANNA CHRISTINA COELHO DUARTE RIBAS**

**GUERRA AO TERROR: Um processo de (des)construção da narrativa do Pós-11 de setembro (períodos de 2001 até 2009)**

Artigo científico apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

Orientadora: Fernanda Luiza Silva de Medeiros

Brasília, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.

**BANCA AVALIADORA :**

---

**Fernanda Luiza Silva de Medeiros**  
**Orientadora**

---

**Professor(a)**  
**Avaliador(a)**

## **Guerra ao terror: Um processo de (des)construção da narrativa do pós-11 de setembro (períodos de 2001 até 2009)**

**Yohanna Christina Coelho Duarte Ribas**

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo realizar uma análise da narrativa construída pelo ex-presidente norte americano, George W. Bush, no período pós-11 de setembro e no que ficou conhecido como Guerra ao Terror. A partir disso, a pesquisa busca introduzir a perspectiva pós-colonial e o orientalismo no debate sobre o terrorismo e o mundo muçulmano, buscando o entendimento da construção dos discursos feitos na guerra contra o terror, e com isso, investigar e repensar algumas ideias estabelecidas dentro e fora da sociedade americana e nas sociedades ocidentais, que contribuíram para a criação de percepções generalistas, etnocêntricas e estereotipadas do mundo muçulmano. Neste sentido, a presente pesquisa busca apresentar uma visão fora da perspectiva ocidental e trazer considerações sobre as bruscas consequências enfrentadas pelas nações subalternas devido a narrativa norte-americana no combate ao terrorismo.

**Palavras-chave:** Pós-colonialismo; Guerra ao Terror; Estados-Unidos.

### **Sumário:**

Introdução. 1.Marco Teórico. 1.1 A teoria pós-colonial. 1.2 Abordagem teórica do terrorismo. 1.3 O terrorismo através de uma lente pós-colonial. 1.4 A construção do preconceito mulçumano. 2. O Pós-11 de Setembro. 2.1 Uma construção da guerra ao terror feita por George W. Bush. 2.2 Depois do dia 11 de setembro. Considerações finais.

### **Introdução**

No dia 11 de setembro de 2001, quatro aviões de companhias norte-americanas foram sequestrados nos aeroportos de Boston, Washington e Newark. Esses aviões tiveram suas rotas desviadas, e seus destinos foram três símbolos norte-americanos. O primeiro deles foi a Casa Branca, um símbolo político para os Estados Unidos. O segundo destino foi o Pentágono, a sede do Departamento de Defesa dos norte-americanos, representando o símbolo militar. Por último, o World Trade Center, as Torres Gêmeas, representando o símbolo econômico do país. Nesse dia, os Estados Unidos sofreram ataques terroristas (DUTRA, 2015).

No pós-11 de setembro, o Presidente W. Bush, fez um discurso para a população norte-americana, e em resposta aos ataques, declarou guerra contra o terror. A política administrativa do Presidente Bush não foi apenas em retaliação aos ataques, mas também buscou espalhar os ideais americanos de liberdade e democracia, visando “libertar” os lugares e os povos subjugados por líderes bárbaros, que tinham o objetivo de espalhar o terror e impor sua visão de mundo, no mundo “civilizado”. Em suas tomadas de decisão dos pressupostos da Guerra ao

Terror, George Bush contou com uma aceitação do cenário internacional, construindo uma guerra pautada em uma abordagem sobre valores, o conflito entre o “bem” e o “mal”, a barbaridade e violência dos terroristas orientais (KHALID, 2017).

Esse evento gerou uma série de análises acerca das origens e da causa do terrorismo, fenômeno antigo dentro das Relações Internacionais, mas que sofreu uma série de mudanças em sua manifestação e percepção ao longo dos séculos. Portanto, o presente artigo foca em como os Estados Unidos responderam aos ataques do pós-11 de setembro, e em como a percepção adotada pelo país ainda gera consequências, mesmo após 20 anos do ocorrido. Demonstra-se, assim, como atualmente, a construção desses estereótipos e generalizações do mundo muçulmano, feitas durante a Guerra ao Terror, tem um fortalecimento e aflige pessoas de países orientais, que são vistos como uma ameaça aos valores ocidentais, aos princípios da democracia e da liberdade individual. Ilustra-se como a visão imposta pelo Presidente George W. Bush acabou sendo composta pela maior parte nacional e acabou alienando a maior parte do mundo também, repercutindo-se até nos dias atuais, e levando uma compreensão infundada sobre o islamismo radical.

Diante disso, os discursos infundados de George Bush contribuíram para naturalizar atitudes preconceituosas, fundamentadas através da construção do Ocidente, e usados como uma forma de dominar o Oriente, ligando-se ao legado deixado pelo colonialismo, demonstrando como o mundo muçulmano e o islã ainda vivem na sombra do mundo pós-colonial. Dessa forma, o presente trabalho procura problematizar a construção da narrativa feita pelos Estados Unidos no contexto da Guerra ao Terror, a partir da inserção da teoria pós-colonial, teoria essencial para entender a construção dos discursos pós-11 de setembro, que operou de maneira oportuna para legitimar as intervenções militares no Afeganistão e no Iraque, tal como a inserção do Orientalismo, que segundo o autor Edward Said (2007), se estruturou na maneira de se pensar na distinção entre o Ocidente e o Oriente, e assim, se apresentou a partir da construção de como as civilizações e perspectivas ocidentais, fabricam narrativas a partir de uma visão idealizada para se entender as culturas orientais.

Neste sentido, a presente pesquisa demonstra-se importante pois vai contra os efeitos colaterais da Guerra ao Terror, que contribuíram para uma compreensão infundada do islamismo e da nação muçulmana. Atualmente, as consequências geradas pela guerra contra o terror, podem ser vistas através do fortalecimento da imagem estereotipada contra imigrantes,

principalmente imigrantes de países orientais, que são vistos como uma ameaça aos valores ocidentais. Então, os vinte anos de guerra contra o terrorismo não se cessaram. Ele ainda pode ser visualizado em outros meios, como a marginalização de uma sociedade e a política presente de um determinado país. É por meio disso, que o presente trabalho irá desconstruir o pensamento infundado adotado pelos EUA após os ataques.

A proposta deste artigo é apresentar estes aspectos por meio de dois capítulos divididos em subtópicos. No primeiro capítulo será apresentado uma análise histórica do pós-colonialismo e do fenômeno do terrorismo, e de que maneira isso implicou na construção de um preconceito muçulmano. No segundo capítulo é apresentada a construção da Guerra ao Terror, e como ela influenciou o período de mandato do Presidente George Bush ao longo dos anos de 2001 até 2009, seguindo para como a estratégia administrativa do Presidente contribuiu para a naturalização preconceituosa e de como ela persegue o povo muçulmano até os dias atuais. Por último, é feita uma desconstrução da Guerra ao Terror por meio da teoria pós-colonial, que fornece um caminho melhor para a compreensão do terrorismo, e mostra como o legado colonialista ainda influencia os debates da política internacional. Para isso, será feita uma revisão bibliográfica dos principais livros e artigos de autores teóricos e acadêmicos sobre o terrorismo e o pós-colonialismo, em destaque o autor Edward Said.

## **1.1 A Teoria Pós-Colonial**

Dentro dos debates pós-colonialistas, o colonialismo é o destaque e fenômeno crucial no que tange ao exercício de poder no mundo. Este acontecimento, dentro dessa noção, se baseia no poder que uma nação tem em relação a outra, fazendo com que a nação dominante seja um império da nação subjugada (TOLEDO, 2021, p. 128).

Nos séculos XIX e XX, o imperialismo teve um grande avanço. O termo caracteriza as práticas, atitudes e as teorias adotadas pela nação dominante governante do território colonizado. Nesse sentido, o colonialismo, em consequência do imperialismo, é o estabelecimento de colônias em territórios distantes (SAID, 2011, p. 42).

Atualmente, o colonialismo, enquanto prática física da expansão global, se extinguiu em sua maioria, contudo, as ideias imperialistas ainda sobrevivem. Os resíduos do imperialismo trazem um importante debate contemporâneo, mostrando como elementos da esfera cultural, determinadas práticas políticas, ideológicas, econômicas e sociais ainda estão presentes dentro do

cenário mundial, mostrando como essas interconexões ainda sobrevivem, e de certa maneira, se intensificam, e se firmam em um diálogo contínuo entre o imperialismo e o pós-colonialismo (SAID, 2011, p. 42-43).

Dentro desse debate, os resíduos do imperialismo no cenário contemporâneo podem ser apresentados no sentido de como os nativos de nação uma vez colonizados são apresentados pelos meios de comunicação ocidental. Tal questão traz a ideia de uma continuidade da interdependência e sobreposição de nações soberanas sobre outras, e ilustra também na forma em que os debates contemporâneos são desenvolvidos, por quem eles são ditos, além de para quem esses debates são direcionados. É dentro desta relação complexa entre colonizador e colonizado que é constituída uma postura defensiva, assim como um combate retórico, ideológico e uma certa hostilidade entre as culturas ocidentais e orientais, que são capazes de gerar crises e conflitos entre si (SAID, 2011).

É apenas nos anos 1980 e 1990 que os debates dentro das Relações Internacionais passam por uma virada, trazendo novas formas de se pensar e novos autores para a área. É a partir dessa época que há a introdução de novos conceitos e métodos dentro da teoria social, fazendo com que a teoria pós-colonialista comece a ganhar mais destaque. A teoria pós-colonial surge então, com o propósito de renovação dos paradigmas centrais e as teorias tradicionais (NOGUEIRA, 2005). Atualmente, os debates pós-colonialistas vêm crescendo e ganhando cada vez mais evidência nos estudos das Relações Internacionais, representando acadêmicos e intelectuais que buscam reconsiderar o pensamento dominante sobre a organização e a lógica do sistema internacional (TOLEDO, 2021).

Essas mudanças ocorridas dentro das Relações Internacionais são resultado de uma necessidade de uma mudança nas análises limitantes das teorias dominantes, que eram os atores centrais nos estudos e nas compreensões das transformações em âmbito internacional, e possuíam o atributo de impor seus conhecimentos e como eles deveriam ser produzidos (NOGUEIRA, 2005).

A teoria pós-colonial é caracterizada por ser uma tradição intelectual plural, que busca trazer diversas perspectivas e estudiosos dos mais diversos países e continentes. Ela centra suas críticas e pesquisas em questões relacionadas à raça, identidade e gênero, do mesmo modo em que busca questionar as representações tradicionais sobre colonizados e ex-colonizados, e

pode ser entendida como um debate anticolonialista, que critica todas as formas de poder imperial, como o cultural, econômico e político (TOLEDO, 2021).

A corrente teórica trouxe diversas contribuições, e sua principal foi desvendar a conexão entre o saber e o poder constituído nas épocas de colônia, promovendo debates sobre atores subalternos e temas tradicionalmente subestimados no campo das R.I. A corrente examina criticamente essas exclusões da política internacional, e denuncia os discursos construídos a partir de uma concepção da modernidade ocidental e a universalização dos ideais das sociedades europeias e americana, cujas representações moldam o mundo a partir da sua imagem e experiências particulares de formações sociais, e acabam desqualificando sociedades não ocidentais (VAKIL, 2004).

Dentro desse contexto, os estudos do autor Edward Said contribuíram e trouxeram uma grande relevância nos estudos do mundo oriental, e nas exclusões feitas pelo ocidente em relação a este mundo. Seu principal argumento se baseia na ideia de que o oriente seria uma invenção ocidental. Essa invenção se daria por meio do pensamento dominante, ou seja, as civilizações da Europa e dos Estados Unidos, fundamentam o oriente a partir de uma premissa de exotismo e inferioridade. Suas obras buscam apresentar uma denúncia da representação do oriente, que cada vez mais é ilustrado e interpretado de maneira equivocada (SAID, 2007).

É em suas obras que o autor Said apresenta o conceito de orientalismo. O orientalismo seria um produto das circunstâncias históricas causadas pelo colonialismo, que surgem de maneira fragmentada, mostrando como o processo de construção histórica é constituído por diversas variedades de povos, culturas, idiomas e experiências. Contudo, as narrativas ocidentais desqualificam e ignoram essas diferentes etnias, formando-se assim diversos fragmentos e lacunas na história do cenário internacional (SAID, 2007).

É neste contexto que o autor Edward Said faz uma denuncia de como ocidente pauta suas narrativas sobre o oriente, através de uma concepção em que as sociedades contemporâneas muçulmanas são vistas como povos atrasados, violentos, sem democracia e de supressão dos direitos das mulheres. Neste mesmo argumento, o autor critica que essa “noção de modernidade e democracia do ocidente, são conceitos muito mais complexos do que parecem” (SAID, 2007, p. 15).

Esse fundamentalismo e etnocentrismo adotados pela visão ocidental acabam criando exclusões e ignorância da sociedade oriental, principalmente do mundo muçulmano. O

etnocentrismo em questão também está fundamentado em uma tendência de se ver a política mundial a partir de uma esfera de sua própria perspectiva nacional. Essa perspectiva pode ser analisada sob a alusão de diversos conflitos, mas principalmente na narrativa da Guerra ao Terror (ACHARYA, 2000).

Este discurso etnocêntrico da Europa e dos Estados Unidos levaram a um silenciamento do mundo não europeu, e no mesmo parâmetro, a figura da pessoa árabe e do mundo islâmico, é alimentada de maneira descuidada por publicistas que falam em nome da política externa ocidental, e que não possuem a menor noção de como é a vida das pessoas nesses lugares, e com isso, fabricam uma imagem mistificada e violentada da nação muçulmana, levando assim uma personificação da pessoa árabe e conseqüentemente uma dominação do oriente (SAID, 2007).

A visão etnocêntrica ocidental também influenciou os estudos e debates convencionais do mundo político e internacional, que atualmente são constituídos por uma perspectiva ocidental. Dessa maneira, de acordo com o ocidente, a política mundial ocorreria de maneira exclusiva na Europa e no Hemisfério Norte. Já no Terceiro Mundo, elas seriam derivadas “dos desenvolvimentos europeus e impulsionadas pela competição de grandes potências e pela difusão de ideias e instituições europeias” (BARKAWI; LAFFEY, 2006, p.335, tradução nossa).

Com os estudos voltados para uma visão ocidental, houve dificuldades para o entendimento da natureza de eventos em relação ao mundo político, à segurança e aos estudos orientais, visto que a análise eurocêntrica resultaria em uma ideia de expressão política considerada correta do lado dos governantes imperialistas, não tendo um espaço para a perspectiva dos colonizados ou pós-colonizados, porque o conhecimento estaria mais preocupado com apoiar e defender o interesse dos Estados soberanos. O que acarreta um problema dentro dos debates das ciências sociais (BARKAWI; LAFFEY, 2006).

Esse problema pode ser visualizado nos acontecimentos do dia 11 de setembro de 2001. Em seguida aos fatídicos acontecimentos da época, o Presidente George Bush declara uma guerra contra o terror, demonstrando um choque entre o ocidente e o oriente, precisamente o mundo islâmico. Diante disso, surge a necessidade de se repensar o entendimento das relações e premissas estabelecidas sobre a política mundial (BARKAWI; LAFFEY, 2006).

Após os ataques do dia 11 de setembro, foi determinado que a Al-Qaeda e seus aliados eram “fundamentalistas islâmicos”, que iam contra tudo o que é ocidental. Essa análise

simplista feita por políticos e acadêmicos convencionais ignorou uma longa e complexa história de interconexão e constituição da qual as ideias e a organização de Bin Laden foram produzidas (BARKAWI; LAFFEY, 2006).

As políticas de vários regimes, junto a correntes culturais, históricas e comunicações ocidentais, serviram como uma combinação na formação de entendimentos sobre a constituição de Bin Laden e da Al-Qaeda. De maneira resumida, o ocidente desagregou fenômenos do mundo islâmico, e trouxe um entendimento adequado na dinâmica da Guerra ao Terror. De maneira mais fundamental, esses entendimentos e políticas derivadas de entendimentos binários criaram condições excludentes para o futuro do oriente (BARKAWI; LAFFEY, 2006).

Essas construções binárias, feitas em grande parte a partir de generalizações e silenciamentos, inventou identidades coletivas para um grupo diverso de indivíduos, derivando uma compreensão da identidade muçulmana a partir de uma premissa de grupos islâmicos altamente radicalizados. Essa criação fundamentada a partir da oposição binária entre europeus, brancos, civilizados, desenvolvidos, racionais e seculares, contra orientais, bárbaros, subdesenvolvidos, irracionais, antimodernistas, religiosos fanáticos e terroristas, são atribuições construídas a partir da visão etnocêntrica do outro, subjugando outros povos como algo inferior. Então, essa relação entre o ocidente e o oriente, tornou-se uma relação de poder e dominação, expressada através do poder político, poder intelectual, poder cultural e do poder moral (SAID, 2007).

É por meio dessas críticas que a teoria pós-colonial abriu caminhos para o entendimento das Relações Internacionais, e novos caminhos para outras perspectivas das histórias mundiais, assim como deu espaço para novos autores, trazendo um corpo maior de participantes, visando uma qualidade de crítica, percepção e aplicação do mundo oriental (BUZAN; ACHARYA, 2010).

## **1.2 Abordagem Teórica do Terrorismo**

O termo terrorismo é muito antigo dentro das Relações Internacionais (SAINT-PIERRE, 2014). Sua definição não é algo fácil de se fazer, principalmente devido à sua natureza e caráter inconstante. Isso se advém das mudanças ocorridas no sistema internacional e no surgimento de adversários com lógicas e motivações diferentes, que trazem um desafio para a compreensão sobre o debate do terrorismo. O caráter empregado no uso do termo demonstra suas

mudanças ao longo do tempo para se acomodar ao discurso de cada era sucessiva, que se manifestam de maneira mais evasiva, devido às tentativas de se construir uma definição consistente do terrorismo (HOFFMAN, 2006).

Nesse sentido, os ataques ocorridos no dia 11 de setembro de 2001 tiveram uma contribuição para uma nova redefinição de entendimento ao terrorismo. O ano de 2001 ficou reconhecido pelo marco histórico do terrorismo internacional moderno, e desde então, conexões feitas entre o terrorismo motivado por um imperativo teológico e com níveis mais altos de letalidade foram repetidamente validados por uma sucessão de ataques terroristas suicidas que ocorreram em diversos lugares do mundo (HOFFMAN, 2006).

Em sua maioria, as pessoas possuem uma vaga ideia sobre a definição do que é terrorismo, e isso aponta uma carência de uma explicação mais concreta e precisa do termo. Em parte, essa imprecisão é estimulada pela mídia moderna, que divulga mensagens complexas pelos meios de comunicação, e acabam influenciando todo o discurso sobre o terrorismo. Como resultado, isso acaba levando uma rotulação errônea de uma série de atos violentos, descritos como incidentes terroristas, encobrendo ainda mais o debate (HOFFMAN, 2006). A exclusão de pragmáticos-políticos no entendimento do terrorismo, o mau emprego do termo e a falta de uma maneira eficaz de se tratar essa ameaça, traz graves consequências para o cenário internacional. Isso pode ser visualizado na criminalização de grupos e movimentos sociais contestatórios, o que acaba trazendo uma legitimação de todos os tipos de combate. Nesse sentido, a conceituação do termo se torna importante, pois é a partir dela que há uma delimitação do combate internacional (SAINT-PIERRE, 2014).

Outra dificuldade que se decorre da conceituação do terrorismo se advém principalmente de sua característica subjetiva: “Sua violência é caracterizada no âmbito psicológico do indivíduo, constituindo-se em um problema fundamental em sua definição” (SAINT-PIERRE, 2014, p. 14). O autor ainda adverte:

“O medo é um fenômeno subjetivo e não há como determinar objetivamente um umbral crítico único para o terror, que dependerá de fatores tão variáveis como os pessoais, os funcionais e os culturais. Mas o problema no caminho de uma definição convincente de terrorismo é que essa incerteza é precisamente o objetivo estratégico dessa peculiar forma de violência, “A intenção de suscitar reações emocionais tais como ansiedade, incerteza ou amedrontamento entre os que formam parte de um determinado agregado da população, de maneira que resulte factível condicionar suas atitudes e dirigir os seus comportamentos numa direção determinada, prima nos atos terroristas sobre o desejo de causar danos tangíveis a pessoa ou coisas (SAINT-PIERRE, 2014, p. 14)”.

Outra dificuldade presente na definição do termo é o sentido pejorativo em que foi constituído o emprego da palavra ao longo da história. Sua aplicação sempre vem acompanhada de maneira subjetiva sobre um grupo, que para alguns é terrorista, enquanto para outros, é formado por guerreiros da liberdade. Ou seja, o terrorista é sempre o outro, mesmo que os meios e táticas de combate empregados por ambos os lados da linha de frente sejam os mesmos. Continuamente, o emprego do termo “terrorista” é usado para desumanizar e desacreditar adversários políticos e opositores de um regime estabelecido. Essa dificuldade também é fundamentada no preconceito daqueles que buscam uma distinção entre força e violência. Há uma racionalidade no emprego de meios para defender a civilização ocidental e a democracia, o que dificulta mais o acesso acadêmico, sem o juízo de valor do fenômeno terrorismo (SAINT-PIERRE, 2014, p. 14).

A principal argumentação utilizada pelo terrorista se apresenta a partir da qual uma sociedade, governo ou um sistema socioeconômico e suas leis, são os verdadeiros “terroristas”, que se não fosse por essa opressão, não haveria a necessidade dele mesmo defender a população que ele afirma representar. Dessa maneira, os terroristas se percebem “como guerreiros relutantes, movidos pelo desespero – e sem qualquer alternativa viável – à violência contra um Estado repressivo, um rival étnico predatório, ou grupo nacionalista, ou uma ordem internacional indiferente” (HOFFMAN, 2006, p. 21-22, tradução nossa). Então, o terrorista “acredita que está servindo a uma “boa” causa, projetada para se alcançar um bem maior para um eleitorado mais amplo, em que ele e sua organização pretendem representar” (HOFFMAN, 2006, p. 37-38, tradução nossa). Em principal, os ataques terroristas buscam levar o inimigo a “tomar consciência de seu posicionamento vulnerável” (SAINT-PIERRE, 2014, p. 20).

É a partir desse debate que o Departamento de Defesa elucida de maneira satisfatória a compreensão do terrorismo, determinando que ele se constitui na tentativa de qualquer um que tente promover seu ponto de vista por meio de um sistema de intimidação coercitiva. Então, a ameaça terrorista e o ato materializado da violência é direcionado para sociedades inteiras e governos, e ele também pode ser caracterizado por um viés religioso, ao lado de objetivos políticos fundamentais; contudo, esse aspecto religioso ficaria omissos de uma dimensão social. Essa noção realizada através de um conceito político caracteriza um fator importante na compreensão dos objetivos, motivações e propósitos dos ataques, e demonstra um fator primordial na distinção entre outros tipos de violência (HOFFMAN, 2006).

### **1.3 O Terrorismo Através de Uma Lente Pós-Colonial**

Após os ataques às Torres Gêmeas e ao Pentágono no dia 11 de setembro de 2001, os estudos que se precederam fundamentaram os ataques através de um viés religioso (RAVI, 2011). A ideia do “terrorismo islâmico” deixa o mundo muçulmano como o centro de todos os debates, e a ausência de especialistas com conhecimento dos contextos políticos, sociológicos, econômicos, culturais e religiosos do mundo islâmico e muçulmano contemporâneo, a mídia teve um papel de impor uma consciência generalista e simplista da população (VAKIL, 2004, p. 18). Ao vincular de maneira errônea o terror e os discursos de modernização, a atenção é desviada de fatores históricos enraizados que não levam em conta as formas coloniais e terroristas do imperialismo contemporâneo (RAVI, 2011).

Nos debates que se precederam a guerra contra o terror, questões predominantes do papel do terrorismo islâmico se constituíram através do papel da religião, da falta de democracia do Estado, do antimodernismo e de uma irracionalidade político-religiosa, construindo assim uma retórica anti-islâmica, com um essencialismo redutor e orientalista, que é caracterizado no discurso do ocidente (VAKIL, 2004, p. 18).

Nesse sentido, dentro da pobreza conceitual pautada pela visão ocidental e da falta de interesse de se aprender como realmente é a realidade do islamismo e dos muçulmanos, a teoria pós-colonial se apresenta como um suporte teórico para o debate (VAKIL, 2004, p. 19). Surgindo de maneira crítica para a análise entre conhecimento e poder, tanto no passado, quanto no presente, a teoria pós-colonial examinou outras formas de identidade e as dimensões coloniais que se aplicam em diversos locais considerados marginalizados e subalternos (RAVI, 2011).

Dessa forma, os ataques terroristas podem ser analisados a partir de uma configuração de eixos de dominação e resistência, sem deixar de levar em conta, ou negar os atos terroristas, mas sim expondo esses ataques com um viés orientalista do discurso terrorista. Tal análise desconstrói com o discurso feito pela mídia, que permaneceu e permanece marcado por uma preocupação acentuada com o aspecto religioso e o caráter do povo árabe (RAVI, 2011). A partir disso, demonstra como o caráter imperial das grandes potências direcionou todo o debate para a uma relação entre centro e periferia, e reproduziu assim o reconhecimento da análise, que é constituída por muitos mecanismos nos quais o poder político, econômico e militar são produzidos a partir das relações entres fracos e fortes (BARKAWI; LAFFEY, 2006, p. 348).

Portanto, demonstra-se como o tema do terrorismo no debate contemporâneo globalizado fornece privilégio para Estados soberanos, que afirmam autoridade através de forças globalizantes, que se propagam de maneira generalizada. Os estudos pós-coloniais e a retrospectiva colonial do terror oferecem ferramentas poderosas para demonstrar essa violência oculta da sociedade ocidental, fornecendo assim, uma exposição da violência sistêmica contra como os atos do terrorismo são percebidos (BOEHMER; MORTON, 2010).

Em vista disso, a teoria pós-colonial contribui de maneira crítica, expondo os campos do conflito e denunciando esse silenciamento do oriente, e a partir disso, introduzindo um pensamento e análise de maneira modificada, às polêmicas e disseminações mal formuladas da mídia que alienam o pensamento e aprisionam em debates antagonistas, cujo objetivo é a criação uma identidade beligerante que sobreponha a compreensão e a troca intelectual (SAID, 2007, p. 19). Desta maneira, a teoria pós-colonial contribui indo contra a análise moderna e ocidental do discurso terrorista feito através de uma única lente histórica e hegemônica (RAVI, 2011).

#### **1.4 A Construção do Preconceito Muçumano**

A imagem do oriente, principalmente do islamismo e dos muçulmanos, sempre sofreu com estereótipos negativos, pautados em um discurso orientalista moderno, de visões sexistas, violentas, e irracionais, e esses estereótipos sobre o povo e a cultura árabe são presentes até hoje, especialmente após o dia 11 de setembro (FAWAL, 2013).

A mídia americana e ocidental é responsável em maior parte pela criação desses estereótipos altamente exagerados da sociedade muçulmana e do islamismo. Em vista disso, percepções criadas sobre um terrorismo islâmico, uma antidemocracia, Estados repressivos e autoritários, e a forma em como os países muçulmanos ameaçam o modo de vida ocidental desempenham um papel significativo na consciência ocidental (SAID, 1997). Essas representações negativas da cultura muçulmana criam estereótipos perigosos, e assumem um papel negativo ao dividir o mundo em duas partes, o ocidente e o oriente. Com os ataques terroristas do dia 11 de setembro, a mídia norte-americana tornou o Islã e os muçulmanos como sinônimo de terrorismo, violência e extremismo (FAWAL, 2013).

Atualmente, essa imagem é projetada para mostrar uma inferioridade da religião e da sociedade islâmica em relação ao ocidente, diminuindo assim o papel deles, e fundamentando-os em uma oposição e competição com o ocidente. Essa visão alimentada pelo ocidente deturpa a

percepção de toda a sociedade em si, e leva às pessoas ocidentais a perpetuar uma hostilidade e ignorância contra a sociedade muçulmana (SAID, 1997). Essas representações estereotipadas presentes nos meios de comunicação de massa são uma extensão do discurso orientalista moderno, emoldurando a pessoa árabe como uma pessoa desonesta, extremamente sexuada e capaz de muitas intrigas sádicas. Nos documentários e filmes, os árabes sempre são representados em grandes números, sem abordar as individualidades, características ou experiências pessoais, simbolizando assim uma desgraça em massa e gestos irracionais, sempre com a ameaça de jihad por detrás dessas caracterizações (SAID, 2007, p. 383-384).

Essa imagem percebida pelos ocidentais e o uso de rótulos para descrever o islamismo, seja para explicar ou condenar a sociedade islâmica, se torna uma forma de ataque, que acaba provocando cada vez mais hostilidade entre os porta-vozes ocidentais. Nesse sentido, o ocidente procura perceber o mundo muçulmano em apenas uma pequena parcela do que realmente acontece na sociedade (SAID, 1997).

Jack Shaheen, autor do livro *Reel Bad Arabs: How Hollywood Vilifies a People* (2001), em seu documentário baseado em seu livro, faz uma análise abrangente em como o povo árabe é representado nas telas americanas, expondo como ocorre uma grande degradação e desumanização sistemática dos árabes, e assim, mostrando como Hollywood manipula a imagem dos árabes (SHAHEEN, 2001).

Jack Shaheen examina o aspecto calunioso da história cinematográfica que explora um cenário degradante dos árabes, onde eles são representados por bandidos, mulheres submissas, “terroristas” armados, e sempre são vistos como um grupo maligno, e retratados como sub-humanos, oferecendo-se assim, uma visão estereotipada, que no desenvolvimento da história dos EUA tem um grande impacto (SHAHEEN, 2001).

O mundo muçulmano é composto por um bilhão de pessoas, e inclui dezenas de países, sociedades, tradições, línguas e um variado número de diferentes experiências. Contudo, há uma tendência muito grande por parte dos ocidentais de reduzir os muçulmanos a um acúmulo de regras, generalizações sobre a fé, governo e todo o seu povo, e assim tentar sintetizá-los em uma única e coerente entidade, reduzindo-os de maneira inferior, e contribuindo na imagem negativa do mundo islâmico, perpetuado através da violência, extremismo e primitivismo (SAID, 1997).

Essas representações contribuem para se naturalizar atitudes preconceituosas em relação ao povo e cultura árabe, reforçando uma visão distorcida dos árabes e suas políticas domésticas e internacionais. Isso demonstra a necessidade de um reconhecimento contra essas narrativas ocorridas dentro da mídia norte-americana, mostrando a necessidade da justiça a favor da diversidade e mostrar realmente a realidade, história e cultura rica do povo árabe (SHAHEEN, 2001).

Essa estereotipagem de um grupo de pessoas é um fenômeno prejudicial e contribui para aumentar o medo sobre o Islã e os muçulmanos, e fabrica um consentimento do público para uma intervenção militar do governo dos Estados Unidos em países árabes quando for desejado. Então, essas representações são usadas como pretexto para se justificarem e legitimam o uso de agressão militar contra o oriente (FAWAL, 2013).

## **2.1 Uma Construção da Guerra ao Terror feita por George W. Bush**

O mandato do Presidente norte-americano, George W. Bush, entre 2001 e 2009, entrou para a história, não somente pela ocorrida tragédia, considerada uma das maiores do país - os ataques terroristas do dia 11 de setembro - mas também por sua declaração e implementação do que ficou conhecido como a Guerra ao Terror, em resposta política e militar contra os responsáveis pelos atentados do dia 11 de setembro: a organização extremista islâmica Al Qaeda, assim como os regimes acusados de apoiar o terrorismo (PINHEIRO, 2019).

O dia 11 de setembro de 2001 foi marcado pelos trágicos ataques terroristas ocorridos nos Estados Unidos, que impactaram tanto em solo nacional, quanto em meio internacional (JUNQUEIRA, 2003). Nesse dia, quatro aviões foram sequestrados e lançados contra as torres gêmeas do World Trade Center em Nova York. Em Washington, aviões foram lançados contra o Pentágono. Mais de 2.700 pessoas morreram, sendo considerados um dos ataques terroristas mais mortais em solo estadunidense (OMELICHEVA et al., 2019). Os dois ataques terroristas ocorridos atingiram dois símbolos máximos dos Estados Unidos, representados pelo poder econômico e militar do país (JUNQUEIRA, 2003).

Os ataques do dia 11 de setembro mudaram completamente o foco da política externa dos Estados Unidos. Após os ataques, o Presidente George Bush concentrou quase todos os

esforços na segurança nacional para a erradicação do terrorismo (OMELICHEVA et al., 2019).

Isso pode ser observado no pronunciamento do Presidente no dia após os ataques:

“Um grande povo foi movido para defender uma grande nação. Ataques terroristas podem abalar os alicerces de nossos maiores edifícios, mas não podem tocar os alicerces da América. Esses atos estilhaçaram o aço, mas não podem ferir o aço da determinação americana (BUSH, 2001, tradução nossa)”.

Em seus discursos feitos no pós-11 de setembro, o Presidente Bush buscou invocar um sentimento de patriotismo dos norte-americanos, visando um apoio dos demais nas intervenções de sua política externa e a intensificação dos aparatos da defesa doméstica, prometendo não apenas levar justiça para o culpado dos atentados, como também a erradicação das facções terroristas, e com isso, libertar os povos oprimidos no mundo árabe (PINHEIRO, 2019). Ainda em seu discurso de 2001, o Presidente Bush invocou a crença histórica que os Estados Unidos são uma nação singular e predestinada em liderar as demais nações a partir de uma expansão do seu modelo social democrático. Isso pode ser observado na seguinte declaração do então presidente George Bush: "À América foi alvo de ataques porque somos o farol mais brilhante de liberdade e oportunidade no mundo. E ninguém impedirá que essa luz brilhe" (BUSH, 2001, tradução nossa). Esse discurso trouxe uma série de elementos, palavras e histórias que evocaram a identidade nacionalista e patriota norte-americana, lembrando-os também da missão que os EUA têm com o mundo, e demonstrando a construção na qual foi constituído o Estado, e lembrando-os que eles fazem parte de uma comunidade exclusiva e única (JUNQUEIRA, 2003).

No mesmo discurso, o Presidente Bush, além de direcionar seu discurso para o território nacional, direcionou-o também para os aliados, que seriam aqueles países que desejam a paz, segurança e democracia no mundo, construindo uma estratégia de combate ao terrorismo que mobilize o público nacional e o internacional. Essa construção foi feita quando George Bush trouxe a noção de que a liberdade e a democracia estariam em jogo tanto para os norte-americanos, quanto para os países ocidentais que compartilham dos mesmos ideais (DUTRA, 2004). Isso pode ser observado no seguinte trecho:

“Esse inimigo atacou não apenas nosso povo, mas todas as pessoas que amam a liberdade em todo o mundo. Os Estados Unidos da América usarão todos os nossos recursos para conquistar esse inimigo. Vamos reunir o mundo. Seremos pacientes, focados e firmes em nossa determinação (BUSH, 2001, tradução nossa)”.

Dessa forma, era dever dessas nações irem contra o terrorismo, já que o objetivo da guerra contra o terror seria combater essa ameaça e manter os valores do mundo ocidental. Os

Estados Unidos estariam, então, nas medidas que tomaram contra o Afeganistão, combatendo essa ameaça, juntamente com os demais países que compartilham dos mesmos ideais, contribuindo para a construção de um mundo livre do “mal” (DUTRA, 2004). Ou seja, os Estados Unidos, junto com as nações que prezam a liberdade do mundo, estariam em uma luta do bem (ocidente) contra o mal (oriente), onde o bem prevalece (BUSH, 2001).

Nesse mesmo sentido, o Presidente abre espaço para que os Estados que dão suporte para o terrorismo também serem culpados, ou seja, Estados que se opunham a seu país e os ideais norte-americanos, declarando-os a um Eixo do Mal. Dessa forma, os Estados que se aliasse com o terror seriam igualmente culpados pelos atentados. Ou seja, os possíveis alvos dos EUA e seus aliados não seriam apenas os grupos terroristas, como também os grupos e Estados que supostamente apoiassem o terrorismo (DUTRA, 2004). Dessa maneira, o Presidente Bush declara:

“O Iraque continua a ostentar sua hostilidade em relação aos Estados Unidos e a apoiar o terror... Este é um regime que concordou com inspeções internacionais – depois expulsou os inspetores. Este é um regime que tem algo a esconder do mundo civilizado. Estados como esses, e seus aliados terroristas, constituem um eixo do mal, armando-se para ameaçar a paz do mundo. Ao buscar armas de destruição em massa, esses regimes representam um perigo grave e crescente. Eles poderiam fornecer essas armas aos terroristas, dando-lhes os meios para igualar seu ódio. Eles podem atacar nossos aliados ou tentar chantagear os Estados Unidos. Em qualquer um desses casos, o preço da indiferença seria catastrófico (BUSH, 2002, tradução nossa)”.

No trecho acima, é demonstrado como as políticas administrativas criadas por George Bush dividiram o mundo em duas partes, a parte “civilizada” e a parte “não civilizada”. Dessa forma, o mundo muçulmano foi posicionado centralmente como o mundo não civilizado e como um inimigo da civilização moderna (OMELICHEVA et al., 2019). Essa construção deixa que o mundo “civilizado” no papel de combate à violência discriminada, de maneira em que os ataques terroristas do dia 11 de setembro teriam provocado uma desordem na paz e segurança coletiva, não tendo assim uma alternativa a não ser lutar contra o terrorismo (DUTRA, 2004).

Os meses que se procederam aos ataques do dia 11 de setembro e os discursos do Presidente Bush foram marcados por uma tensão mundial, e ação constante dos Estados Unidos na caçada aos supostos terroristas que haviam cometido tal crime. A partir de seus discursos, o Presidente Bush procurou justificar a guerra contra o Iraque, à luz em que relembra a opinião pública de que a sociedade democrática e seus valores estavam sob ameaça (JUNQUEIRA, 2003). Nos anos que se prosseguiram aos ataques, os Estados Unidos invadiram e o ocuparam o

Afganistão e o Iraque, alegando que o ditador Saddam Hussein também tinha vínculo com o grupo radical Al Qaeda e possuía armas de destruição em massa que poderiam ser utilizadas em ataques contra o povo e o território norte-americano (PINHEIRO, 2019).

A política administrativa do Presidente Bush recorreu a recursos retóricos para investir na imagem pública “heroica” dos norte-americanos, garantindo apoio, credibilidade e legitimidade no rumo da Guerra ao Terror (PINHEIRO, 2019). Essa resposta adotada pelo Presidente Bush mobilizou toda a população, influenciando a opinião pública, para que com isso, tivesse apoio nas medidas que a Guerra contra o Terror iria tomar (JUNQUEIRA, 2003). Dessa forma, a resposta do Presidente Bush teve capacidade de ordenar a agenda da política externa norte-americana, e fez com que seu mandato fosse reiniciado e estendido até o ano de 2009. A prioridade de atuação de seu governo no cenário internacional foi a Guerra contra o Terror (DUTRA, 2004).

## **2.2 Depois do Dia 11 de Setembro**

Por mais de uma década o mundo muçulmano foi visto através de uma visão do fundamentalista do islamismo militante, e como uma ameaça para os valores ocidentais, visão a qual tomou conta dos governantes que se prosseguiram ao Presidente George W. Bush e a mídia ocidental. Muitos fatores do mundo muçulmano reforçaram a imagem do Islã como uma religião militante, expansionista, antiamericana e que sempre visava uma guerra contra o ocidente (ESPOSITO, 1992).

A existência do islamismo como religião mundial e sua força ideológica abrange mais de um quinto da população mundial, e ela se estende por toda a África ao Sudeste Asiático, o que, para os ocidentais, aumenta o espectro de sua ameaça. Os medos exagerados criados por parte do ocidente, vendo o mundo muçulmano como um “império do mal” e uma ameaça da estabilidade dos regimes ocidentais, reforçam uma surpreendente ignorância e estereótipo dos árabes e do islamismo (ESPOSITO, 1992).

Essa estereotipagem e racialização do povo árabe se agravou consideravelmente após os ataques do dia 11 de setembro. A ideia do povo árabe visto como o “mal” já existia antes mesmo do ano de 2001, contudo os ataques do dia 11 de setembro aumentaram essas generalizações. O discurso popular americano sobre o mundo árabe, feito para o domínio do povo, alimentou a imagem de que os muçulmanos são sempre estranhos nos países para que

imigram, um perigo potencial, prontos para começar uma guerra a qualquer momento, tornando-se assim um legado político e estruturado no pensamento de muitos ocidentais (BAYOUMI, 2021).

Após os ataques terroristas, George Bush adotou diversas medidas para o povo árabe. No final do ano de 2002, Bush lançou o Sistema de Registro de Entrada e Saída da Segurança Nacional, exigindo que as pessoas imigrantes com 16 anos ou mais de idade de um dos 24 países de maioria muçulmana (ou Coreia do Norte) se registrassem no governo. Essa política administrativa fez com que o povo árabe fosse alvo devido a sua origem nacional, o que acabou fazendo com que uma grande parcela da comunidade muçulmana fosse deportada dos EUA (BAYOUMI, 2021).

Mesmo após 20 anos dos trágicos acontecimentos do dia 11 de setembro, a islamofobia que os muçulmanos enfrentam está bem pior. Em 2000, de 12 agressões feitas contra pessoas muçulmanas, o número saltou para 93 em 2001, e muitas mortes resultaram desses crimes. Atualmente, o crime de ódio antimuçulmanos permanece bem acentuado, e de acordo com FBI, o país conta com 100 relatórios por ano, com cerca de 30 a 50 envolvendo agressões contra pessoas árabes. No ano de 2019, houve um acréscimo no número de casos, havendo 219 crimes relatados, e entre eles, 127 agressões (RIVERS, 2021).

A desconfiança generalizada do mundo muçulmano ainda é presente entre a maioria dos americanos, e por 20 anos, os muçulmanos tiveram que repudiar, de maneira individual e coletiva, atos que eles não tinham cometido. O terrorismo é um problema sério que deve ser combatido, porém, segundo o autor Rivers (2021) analisar somente o terrorismo sob a espreita dos muçulmanos, não o analisa apenas de maneira racista, como também faz com que perca os reais atos terroristas. Após 20 anos, é necessário esquecer os mitos e a identidade que foi imposta para os muçulmanos, e desfazer as estruturas que sustentam as políticas islamofóbicas (RIVERS, 2021).

### **2.3 Uma (Des)construção da Narrativa da Guerra ao Terror**

O 11 de setembro pode ser considerado um ponto transformador na história. Essa data não representa apenas uma data em que milhares de pessoas foram tragicamente assassinadas, como também representa o resultado de muitas das frustrações sociais e políticas que cresceram incessantemente desde o início da modernidade. De várias maneiras, esses ataques representam

atos extremos de desconstrução e obstrução em relação às estruturas de poder hegemônicas que dominaram a história nos últimos dois séculos (EL-FADL, 2003, p.72).

Os ataques serviram como um aviso para os muçulmanos e não-muçulmanos, um sinal de que as culturas subalternas continuam existindo na sombra do pós-colonialismo e de que muitas pessoas que vivem dentro dessa cultura não têm interesse na noção de modernidade criada pelo ocidente. Mostra também, da mesma forma, que os criadores da modernidade são as mesmas nações que perpetuaram o colonialismo, e denuncia que mesmo após esse período histórico, as culturas subalternas, em grande maioria, continuam a ser economicamente dependentes, culturalmente marginalizadas e politicamente dominadas (EL-FADL, 2003).

A construção da Guerra ao Terror feita pelo Presidente Bush procurou explicar o porquê de os Estados Unidos terem sido atacados, e buscou caracterizar o inimigo. O terrorismo é interpretado pelo Presidente norte-americano como um mal que teria como objetivo destruir os valores humanos do “mundo civilizado”, pautado em um viés religioso, enquanto os Estados Unidos estariam lutando contra esse mal que aflige o mundo e aprisiona certas sociedades. Dessa maneira, a Guerra ao Terror foi interpretada com o viés de libertar o mundo da opressão por meio da justiça e liberdade. Então, a Guerra ao Terror seria necessária não apenas para eliminar o terrorismo, como também garantir a paz e a manutenção da liberdade e da democracia. Ou seja, o Presidente Bush projeta uma guerra em prol dos valores do mundo civilizado, pois seriam esses os valores que deveriam prevalecer entre os Estados e as nações (DUTRA, 2004).

A construção dessa representação de um comportamento de mundo determinado como "adequado" e dos eventos que ocorrem nele, criadas pelo ocidente, demonstram uma relação de poder e hierarquia, mascarados sob um viés de naturalização e legitimidade, expondo como algumas maneiras de se pensar o cenário internacional e determinados eventos estão pautados nas representações particulares de nações dominantes (KHALID, 2017).

Essas nações dominantes se responsabilizam por criar significados e determiná-los a sujeitos específicos, criando e justificando ações. Isso pôde ser visualizado no enquadramento que George W. Bush fez em seus discursos e nas categorias de identidade que ele criou, como “bem”, “mal”, “terrorismo religioso”, “bárbaro”, “antidemocratas” e aqueles indivíduos que precisam ser “salvos”. Essas determinações pelas quais os entendimentos do mundo são construídos por meio de uma disposição de termos e práticas, e entendimentos pelos quais são

aceitos como “certos”, e que permitem e legitimam ações, são uma forma de se construir e se referir conhecimento sobre determinados temas (KHALID, 2017).

Essa construção articulada pelo ex-presidente George Bush ignorou o fato de a experiência islâmica ter vivido em grande parte nas sombras do colonialismo e pós-colonialismo. A experiência árabe, nos últimos dois séculos, tem lutado para chegar em acordo com a modernidade, com sua própria marginalidade e perda de autenticidade. As políticas e as declarações utilizadas pelos Estados soberanos e detentores de poder levaram à caracterização do 11 de setembro como choque de fundamentalismos, e transformou Bin Laden no representante do pensamento muçulmano. É fato de que o que um muçulmano faz em nome do Islã faz parte da experiência islâmica, e é por isso que os muçulmanos devem se preocupar com o que o Bin Laden representa. Porém, embora se possa sustentar que o comportamento de Bin Laden foi em parte um ato de vingança contra uma realidade moderna que tem cada vez mais alienado e marginalizado os muçulmanos, o fato é de que o Bin Laden tem um valor normativo (EL-FADL, 2003, p.73).

Se os muçulmanos não conseguirem desmascarar e marginalizar o comportamento e a ideologia de Bin Laden, isso estabelecerá um precedente normativo. Na ausência de combater o comportamento de Bin Laden, isso poderia adquirir uma legitimidade e autenticidade que o comportamento não possui. Por meio de suas ações, Bin Laden ofereceu para uma comunidade interpretativa que está em desacordo com as principais comunidades alternativas de significado com as principais comunidades interpretativas do islamismo clássico. A única maneira de reverter essa interpretação feita dos ocidentais, seria oferecer para que as comunidades alternativas do Islã atuem para desmistificar e negar a visão de mundo do Bin Laden, de maneira mais eficaz e convincente para os muçulmanos. Porém, na tentativa de se disseminar uma interpretação do Islã que seja consistente com os valores normativos que são considerados de origem ocidental, como democracia ou direitos individuais, muitas vezes falham devido a uma hipocrisia percebida por parte do ocidente. Essas comunidades alternativas passam por um grande problema porque qualquer alternativa oferecida por qualquer muçulmano faz sentido apenas à luz do contexto sociopolítico em que os muçulmanos vivem (EL-FADL, 2003, p.73-74).

A partir dos discursos feitos pelo Presidente Bush após os atentados terroristas, feito a partir de suas convicções cristãs e um simbolismo cristão em sua chamada na guerra contra o terrorismo, a matança dos muçulmanos é tratada fatídica, mas não induz as pessoas a clamar por

transformações, enquanto a perda de vidas ocidentais gera apelos para as transformações e reconstruções, e também cria demandas por uma nova ordem mundial, na qual os vilões e a violência dos mesmos (orientais), devem ser suprimidas. A questão que deve ser levantada é que o 11 de setembro teria acontecido mesmo sem um viés religioso, e que existem razões sociopolíticas por trás dos ataques, e que a religião desempenha apenas um papel marginal. Então, Bin Laden teria abusado da religião para justificar os ataques, porém não teria sido levado e influenciado pela tal (EL-FADL, 2003, p.76).

Os ataques do 11 de setembro tiveram uma influência e transformaram categoricamente a tradição islâmica, e os muçulmanos agora são forçados a lidar com a realidade de um cenário de precedentes. Muçulmanos passam por um verdadeiro desafio, uma vez que os interesses políticos da oposição dominam o discurso público, a ponto de que o pensamento muçulmano moderno ter se tornado marginalizado. Na era do pós-colonialismo, os muçulmanos tornaram-se preocupados com a tentativa de remediar um sentimento coletivo de impotência engajada por um viés altamente sensacionalista de simbolismo de poder, demonstrando que a moral islâmica não é tratada com rigor analítico e crítico, sendo altamente subservientes à conveniência política e demonstrações simbólicas de poder (EL-FADL, 2003).

Tentar entender outras culturas e indivíduos é um caso problemático. O principal problema ao tentar definir uma nação é gerar uma tradição de pensamento e um determinado entendimento deles. Isso se deriva da tentativa de se reconciliar a identidade de uma nação através das realidades da sua própria cultura, sociedade e história, que são diferentes da realidade da outra nação, de sua identidade, cultura e povo. Essa tentativa traz um problema central para a interação de diferentes culturas, como também para os debates das ciências sociais (RAMAKRISHNAN, 1999).

Essas formações de entendimento limitam o conhecimento e a maneira de se abordar sobre determinados temas, tendo-se assim uma definição já preestabelecida sobre determinadas premissas. Dessa forma, os debates seguem onde há um lado que é o dominador de conhecimento e da verdade, o que contribui ao mesmo tempo para incluir, como excluir as nações. Isso seria visto quando alguns grupos são considerados “irracionais” ou “incivilizados”, enquanto concede para outros grupos a legitimidade de abordar os grupos considerados “irracionais”. Neste sentido, os debates refletem quando um ator desempenha um papel de produzir e reproduzir conhecimento, enquanto outros atores são ignorados (KHALID, 2017).

Dessa forma, os atores dominantes marginalizam certos grupos, e usam de seu poder para subjugar e controlar essas nações ignoradas no cenário internacional. A construção da Guerra ao Terror fez uso dessa abordagem e ilustrou representações orientalistas, que manipularam o discurso, e em efeito dessa percepção norte-americana do oriente, reduziu o povo muçulmano a “atitudes” e “tendências” (SAID, 2007).

Isso demonstra uma lacuna para o conhecimento do Oriente, uma vez que essas atitudes são institucionalizadas nas áreas de estudo da ciência política e das relações internacionais. O mundo muçulmano é raramente estudado, pesquisado e conhecido, e muitas vezes não é abordado através de uma teorização (SAID, 2007). Nas últimas décadas, os intelectuais contemporâneos que buscam fazer um estudo crítico de suas tradições e aspectos morais, sistematicamente são confrontados pelo imperialismo. Essas noções continuam persistindo nas Relações Internacionais, e não são contestadas nos estudos acadêmicos e governamentais (EL-FADL, 2003). Como adverte o autor Edward Said (2007):

“A metodologia de pesquisa e os paradigmas disciplinares não devem determinar o que é selecionado para estudo e não devem limitar as observações. Os estudos de área, a partir dessa perspectiva, sustentam que só é possível conhecer verdadeiramente as coisas que existem, enquanto os métodos e as teorias são abstrações, que indicam as observações a fazer e oferecer explicações segundo critérios não empíricos (SAID, 2007, p. 400-401)”.

Sendo assim, o mundo muçulmano encontra-se em um ambiente desvantajoso para desenvolver suas potencialidades e definir seu posicionamento na sociedade, sendo mantido a partir de uma dominação cultural, devido ao legado do imperialismo, como por pressão dos ideais norte-americanos (SAID, 2007).

### **Considerações Finais**

A partir da pesquisa, foi possível observar como a política administrativa e os discursos proferidos pelo ex-presidente George W. Bush no pós-11 de setembro, motivou a invasão norte-americana no Iraque e Afeganistão, sob um viés pautado na necessidade de destruir o terrorismo e os regimes antidemocráticos. A partir desses discursos, houve uma construção identitária a respeito do povo muçulmano, que foi aceita na esfera internacional e contribuiu para que as ações norte-americanas no território oriental fossem legitimadas e justificadas, como também contribuíram para uma visão maléfica dos chamados “terroristas religiosos”. A pesquisa também apresentou como a política externa e o campo dos estudos internacionais ainda é

moldado pelos princípios que foram construídos pelo Presidente Bush e como ele se estabelece e se reproduz ao longo do tempo, resultando no silenciamento dessas nações.

Nesse sentido, o artigo evidenciou como os estudos sociais ainda são fundamentados e favorecidos pela visão imposta do ocidente, o que conseqüentemente resulta no preconceito de toda uma nação, que é resumida de maneira difundida e universalizada, e não leva em conta toda a pluralidade em que ela é composta. Essa visão simplista marginaliza o mundo muçulmano, e contribui para o racismo e para islamofobia, realidades ainda presentes, e que geram uma intolerância e preconceito para com o povo muçulmano. Portanto, a nação muçulmana ainda é estudada sob uma perspectiva fundamentada no orientalismo, gerada principalmente pelas conseqüências da Guerra ao Terror e dos discursos do Presidente Bush, que contribuíram para que as sociedades ocidentais tivessem uma interiorização e reprodução de uma projeção derivada da experiência europeia na forma de se enxergar o “outro”, que colabora em percepções equivocadas das nações orientais. Portanto, é possível visualizar como as nações muçulmanas ainda são dominadas pelo legado deixado pelo colonialismo, o que acaba fortalecendo a lógica do sistema dominante.

Dessa forma, a teoria pós-colonialista contribui na necessidade de se questionar a forma em que o “outro” é percebido, mostrando a pobreza que as teorias tradicionais trazem no debate do mundo oriental, e reconhecendo as possibilidades pragmáticas que advém da teoria pós-colonial, contribuindo ao contestar em como o “sujeito muçulmano” é observado, e revertendo o legado colonialista, que dificulta na incorporação das diferenças existentes nas visões das sociedades.

Conclui-se, portanto, a importância de se “descolonizar” os padrões de pensamento dentro das Relações Internacionais, e demonstra a necessidade de uma abertura de novas premissas e teorias para serem utilizadas nos estudos internacionais. Atualmente, o campo conta com muitos acadêmicos que estudam os campos históricos, civilizações, religiosos e antropológicos da região muçulmana, e trazem uma valiosa produção para as relações internacionais. Contudo, tem-se a necessidade de dar ainda mais abertura para esses acadêmicos, que se posicionam contra as premissas orientalistas que baseavam estudos sobre o Oriente Médio e resumiam as questões relativas a essa região de maneira generalizada, o que traz sérias conseqüências na composição dos conhecimentos dos estudos sociais.

## Referências

- EL-FADL, Khaled Abou. **9/11 and the Muslim Transformation**. DUDZIAK, M. L. (org.), September 11 in History: A Watershed Moment?. Durham: Duke UP, 70-111. 2003.
- ACHARYA, Amitav. **Ethnocentrism and Emancipatory IR Theory**. ARNOLD, S.; BIER, M. (eds), Displacing Security, proceedings of the YCISS Annual Conference, 1999, Toronto, Center for International and Security Studies, York University. 2000.
- BARKAWI, Tarak. LAFFEY, Mark. **The post-colonial moment in security studies**. Review of International Studies, v. 32. p. 329-352. 2006. Disponível em: [https://www.files.ethz.ch/isn/123383/2006\\_The\\_Postcolonial\\_Moment\\_in\\_Security\\_Studies.pdf](https://www.files.ethz.ch/isn/123383/2006_The_Postcolonial_Moment_in_Security_Studies.pdf). Acesso em: 20 ago. 2021.
- BAYOUMI, M. **The Making**. Nation, [s. l.], v. 313, n. 6, p. 20–27, 2021. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=asn&AN=152219277&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 24 mai. 2022.
- BOEHMER, Elleke. MORTON, Stephen. **Terror and the Postcolonial: A concise Companion**. Malden, MA: Wiley-Blackwell. 2010.
- BUSH, George W. **Statement by the President in His Address to the Nation**. Disponível em: <https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2001/09/20010911-16.html>. Acesso em: 28 mar. 2022.
- BUZAN, Berry; ACHARYA, Amitav. **Non-Western International Relations Theory: Perspectives on and beyond Asia**. Londres: Routledge, 2010.
- DUTRA, Walkiria Zambrzycki. **Guerra ao Terror: A (des)construção de uma resposta estratégica de combate ao terrorismo**. Revista Estudos Políticos: a publicação eletrônica semestral do Laboratório de Estudos Hum(e)anos (UFF). Rio de Janeiro. v. 6, n. 1, p. 148-170, dezembro de 2015. Disponível em: <http://revistaestudospoliticos.com/>. Acesso em: 14 abr. 2022.
- ESPOSITO, J. **The Islamic Threat: Myth or Reality**. Oxford University Press: Oxford, 1992. Disponível em: <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/BookReview179-779-1-PB.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2021.
- FAWAL, Obeida Menchawi. **The Representations of Islam and Muslims in popular media: Educational Strategies and to develop critical media literacy**. 2013. Presented in Partial Fulfilment of the Requirements for the Degree of: Masters of Arts - Educational Studies, Concordia University Montreal, Quebec, Canada, 2013.
- HOFFMAN, B. **Inside Terrorism**. New York: Columbia University Press. 2006.
- JUNQUEIRA, Mary A. **Os discursos de George W. Bush e o excepcionalismo norte-americano**. Margem, São Paulo, n. 17, p. 163-171. Jun. 2003. Disponível em: <https://www.pucsp.br/margem/pdf/m17mj.pdf>. Acesso em: 20 out. 2021.

KHALID, M. **Gender, orientalism and representations of the “Other” in the War on Terror.** *Global Change, Peace & Security*, [s. l.], v. 23, n. 1, p. 15–29, 2011. DOI 10.1080/14781158.2011.540092. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=poh&AN=57830451&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 27 mai. 2022.

NOGUEIRA, J. MESSARI, N. **Teoria das Relações Internacionais: correntes e debates.** 15. Ed. Rio de Janeiro: Elsevier. 2005.

NOGUEIRA, João P. **Ética, terror e soberania: questões para a teoria de Relações Internacionais.** Buenos Aires, 2004. p.45-58. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20101030022950/4nogueira.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2021.

OMELICHEVA, M. Y. et al. **Asia and the “Global War on Terror”.** *Diplomat*, [s. l.], n. 82, p. C4–C19, 2021. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=poh&AN=152304916&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 24 mai. 2022.

TOLEDO, Áureo. **Perspectivas pós-coloniais e decoloniais em relações internacionais.** Salvador: Edufba, 2021.

PINHEIRO, V. S.; MAGALHÃES, H. de P. **Super-heróis na era Bush: entre o apoio e a rebeldia à guerra ao terror.** *Revista Fronteiras*, [s. l.], v. 21, n. 1, p. 2–10, 2019. DOI 10.4013/fem.2019.211.01. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=foh&AN=141501612&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 24 mai. 2022.

RAMAKRISHNAN, A. K. **The Gaze of Orientalism: Reflections on Linking Postcolonialism and International Relations.** *International Studies*, [s. l.], v. 36, n. 2, p. 129–163, 1999. DOI 10.1177/0020881799036002003. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=sih&AN=53205044&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 24 mai. 2022.

RAVI, S. **Engaging the Postcolonial: Terrorism, Tourism, and Literary Cosmopolitanism in the Twenty-First Century.** *International Journal of Canadian Studies*, 44, pp.215-227. 2011.

RIVERS, A. **9/11 caused fear in local Muslim community, but last few years worse.** *Waterloo-Cedar Falls Courier (IA)*, [s. l.], 10 set. 2021. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=nfh&AN=2W6732603583&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 24 mai. 2022.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo.** Tradução. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.** Tradução. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAID, Edward. **Covering Islam: How The Media and The Experts Determine How We See The Rest of The World.** New York: Pantheon Books, 1997.

SAINT-PIERRE, Héctor Luis. **11 de setembro: do terror à injustificada arbitrariedade e o terrorismo de estado.** Revista de sociologia e política, Curitiba, v. 23, n. 53, p. 9-26, jul. 2014.

VAKIL, A. **Pensar o Islão: Questões coloniais, interrogações pós-coloniais.** Revista Crítica de Ciências Sociais, 69, pp.17-52. 2004.

YOUTUBE. **Reel Bad Arabs: How Hollywood Vilifies a People.** Sut Jhally. Media Education Foundation, 2006. Disponível em :[http://www.youtube.com/watch?v=Ko\\_N4BcaIPY](http://www.youtube.com/watch?v=Ko_N4BcaIPY). Acesso em: 29 de agosto de 2021.